



## BILINGUISMO E IDENTIDADE: UMA DUPLA CONSTRUÇÃO

Bianca Alves Lehmann<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, propomos algumas considerações sobre os conceitos de bilinguismo e identidade para promover uma breve discussão em relação à identidade linguística dos sujeitos bilíngues. A pretensão não é apresentar dados referentes à pesquisa de campo e, tampouco, realizar uma análise profunda e exaustiva dos conceitos de bilinguismo e identidade. Nosso objetivo, portanto, é apresentar, sob a ótica dos Estudos Culturais, de que maneira sujeitos que utilizam duas ou mais línguas constituem suas identidades. Dessa maneira, por ora apresentaremos as ideias cruciais que compõem o referencial teórico em relação aos Estudos Culturais embasadas em Hall (1997, 2011), Silva (1995, 1997) entre outros tendo como princípio o fato de que a linguagem serve como um mecanismo que constitui, já que exerce um papel privilegiado na construção e na circulação do significado.

### Breves considerações sobre bilinguismo

Independentemente da perspectiva a ser considerada (seja linguística, sociolinguística, neurolinguística, psicolinguística ou outras), o bilinguismo, no seu sentido mais amplo, caracteriza a utilização de duas ou mais línguas por um mesmo indivíduo. Além disso, abarca uma definição multifacetada, visto que trata-se de uma competência linguística individual que pode ocorrer em diversos níveis e graus. Ademais, além do nível de proficiência nas línguas, dimensões não linguísticas são consideradas para o estudo do bilinguismo, conforme salientam Hamers & Blanc (2000): competência relativa, organização cognitiva, idade de aquisição, *status* sociocultural e identidade cultural do indivíduo. Corroborando essa concepção, Flory & Souza (2009, p.23) afirmam que características tanto individuais quanto contextuais, como “tempo de exposição a essas línguas, valorização afetiva e *status* atribuído a cada uma dessas línguas, presença ou ausência da segunda língua no ambiente” de convívio, determinam o tipo de bilinguismo a ser desenvolvido por um falante.

Grosjean (1994) salienta que o conceito de bilinguismo é baseado conforme o uso, ou seja, em conformidade aos sujeitos que utilizam duas ou mais línguas ou dialetos em suas

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas. Aluna do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPel, nível Mestrado, na área de Estudos da Linguagem – linha de pesquisa Ensino e Aprendizagem de Línguas. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.



rotinas. Além disso, para o autor, são levados em consideração desde os sujeitos que utilizam com fluência duas línguas distintas (em termos profissionais: tradutores, intérpretes, professores de língua estrangeira, etc.) até os imigrantes que falam, mesmo com dificuldade, a língua do país onde residem. Dessa maneira, ainda segundo esse autor, o indivíduo bilíngue não é a soma de dois monolíngues, visto que ele utiliza diferentes línguas, mesmo conforme suas limitações, de acordo com as necessidades do ambiente. Feitas essas considerações sobre o bilinguismo, partiremos para as considerações sobre os sujeitos bilíngues.

### **Bilíngues: quem são eles? Quem eles pensam que são?**

Muitos bilíngues não assim se intitulam, pois afirmam não ter domínio da *forma gramatical* de uma segunda língua (L2<sup>2</sup>). Sabemos que em muitas famílias, principalmente as de descendência estrangeira ou ainda as que vivem em comunidades colonizadas, a primeira língua aprendida é justamente a *estrangeira* – nesses casos, normalmente o português é aprendido na escola. Apesar de esses sujeitos terem aprendido a língua *estrangeira* na escola da vida (leia-se: não em uma escola convencional) e saberem se comunicar com clareza, creem que só seriam bilíngues caso tivessem frequentado uma escola de idiomas. O mesmo acontece com moradores de cidades de fronteira: muitos dominam tanto a língua do seu país quanto a do país vizinho e, mesmo assim, não se consideram bilíngues por acreditarem que o idioma falado por eles seria uma *mescla não pura* de idiomas.

Na concepção popular, bilíngue é o sujeito que fala perfeitamente duas ou mais línguas com total domínio das regras gramaticais. Contudo, segundo os autores já mencionados, embora fale com habilidade uma L2, mas não escreva ou leia nesse idioma, o sujeito é considerado bilíngue. Consideremos outros exemplos: tanto o cidadão que utiliza palavras em uma língua estrangeira (LE) para comunicar-se em determinados lugares, mesmo sem ter total domínio dessa língua – os brasileiros, por exemplo, que vão até as cidades de fronteira com o Uruguai para fazer compras conseguem estabelecer a comunicação em

---

<sup>2</sup> Neste artigo, os termos segunda língua (L2) e língua estrangeira (LE) são entendidos como sinônimos.



espanhol – quanto o estudante que lê em língua estrangeira e escreve *abstract* e *résumé*<sup>3</sup> para seus trabalhos científicos, porém não possui a habilidade da fala são bilíngues.

Quem é, portanto, o bilíngue? É com esse questionamento que Tussi & Ximenez (2010) argumentam que diversas são as situações que podem levar um indivíduo a ter contato com duas ou mais línguas e a usá-las em diferentes níveis de competência. Segundo os autores,

a questão [do bilinguismo] é de *grau*. E é essa questão que está presente nos estudos acerca do bilinguismo. Para Bloomfield, em 1933, o bilinguismo resultaria da adição de um conhecimento perfeito de uma língua estrangeira. Weinreich, em 1953, disse que o bilinguismo seria o uso alternado de duas línguas. Já Haugen, também em 1953, defendia que o bilinguismo começaria com a habilidade de produzir sentenças completas e com sentido na segunda língua (Edwards, 2006). Com a ideia de Haugen, até mesmo o mero uso do *c'est la vie*, por exemplo, poderia ser considerado bilinguismo (Tussi & Ximenez, 2010, p.2 – grifos dos autores).

Diversos autores elencam diferentes classificações, segundo critérios específicos, para definir bilinguismo. A título de conhecimento, apresentaremos as denominações utilizadas por Hamers & Blanc (2000) – de acordo com determinadas dimensões. Entretanto, ressaltamos que não aprofundaremos a discussão em relação às definições e em relação ao grau e às funções do bilinguismo<sup>4</sup>; apenas apresentaremos uma breve ilustração, conforme mostra o Quadro 1.

**Quadro 1:** Dimensões de bilinguismo propostas por Hamers.

DIMENSÕES	DENOMINAÇÃO		DEFINIÇÃO		
Competência relativa	Bilinguismo balanceado		L1 = L2		
	Bilinguismo dominante		L1 > L2 ou L1 < L2		
Organização cognitiva	Bilinguismo composto		Uma representação para duas traduções		
	Bilinguismo coordenado		Duas representações para duas traduções		
	Bilinguismo infantil	Simultâneo	L2 adquirida antes dos 10-11 anos	L1 e L2 adquiridas ao mesmo tempo	
		Consecutivo		L2 adquirida posteriormente a L1	
Bilinguismo adolescente		L2 adquirida entre 11 e 17 anos			

<sup>3</sup> Ambos os termos são traduções, em Inglês e Francês, respectivamente, da palavra resumo.

<sup>4</sup> Para melhor esclarecimento e maior discussão acerca das definições, Cf. Mozzillo, 2001 e Megale, 2005.



	Bilinguismo adulto	L2 adquirida após 17 anos
Presença da L2	Bilinguismo endógeno	Presença de L2 na comunidade
	Bilinguismo exógeno	Ausência de L2 na comunidade
Status das línguas	Bilinguismo aditivo	Não há perda ou prejuízo da L1
	Bilinguismo subtrativo	Há perda ou prejuízo da L1
Identidade e cultural	Bilinguismo bicultural	Identificação positiva com dois grupos
	Bilinguismo monocultural	Identidade cultural referente à L1 ou à L2
	Bilinguismo acultural	Identidade cultural referente apenas à L2
	Bilinguismo decultural	Sem identidade cultural

Fonte: adaptado de Megale (2005, p.6).

Para abordarmos a relação entre bilinguismo e construção identitária, é válido mencionarmos o que entendemos por bilíngue bicultural, bilíngue monocultural, bilíngue acultural e bilíngue decultural, conforme a proposta de Hamers & Blanc (2000). Para esses autores, de acordo com o critério de *identidade cultural do indivíduo bilíngue*, um bilíngue bicultural é aquele que se identifica de forma positiva com dois grupos culturais distintos os quais o reconhecem como falante. Ressaltam, ainda, que nesses casos há um bilinguismo balanceado normalmente acompanhado de biculturalismo balanceado, no entanto essa não é uma relação necessária. O bilíngue monocultural é aquele indivíduo que tem sua identidade cultural atrelada apenas a um grupo das duas línguas que utiliza. Entretanto, caso esse bilíngue renuncie a identidade ligada à língua materna e identifique-se com a cultura do grupo de sua L2, configurará, assim, o bilíngue acultural. Em contrapartida, pode ocorrer de o bilíngue renunciar a identidade de sua língua materna e também renunciar a identidade cultural de sua segunda língua caracterizando, desse modo, o bilíngue decultural.

Assim como Megale (2009), questionamos se um bilíngue é necessariamente bicultural e se monolíngues pertencem apenas a uma cultura enquanto bilíngues pertencem a duas. A autora argumenta:

de acordo com Grosjean (1982:157), algumas pessoas que utilizam duas línguas cotidianamente são, na verdade, monoculturais. De outra feita, uma pessoa monolíngue pode ser bicultural, como é o caso de um escocês falante da língua inglesa. Hamers e Blanc (2000:119) explicam que a relação entre bilinguismo, escolha da língua e identidade cultural em indivíduos bilíngues é muito complexa e depende de diversos fatores, havendo indícios de que experiências bilíngues na primeira infância influenciam o desenvolvimento da identidade cultural (Megale, 2009, p.91).



De acordo com o exposto, percebemos que, para classificar o tipo de bilinguismo, certas dimensões (entre outras não apresentadas aqui) devem ser levadas em consideração. Para fins deste artigo, nosso foco ater-se-á em sujeitos que utilizam duas ou mais línguas, não importando o nível de proficiência na L2, em relação à identidade cultural no denominado bilinguismo monocultural; ou seja, pretendemos explicar sobre os aspectos envolvidos na constituição identitária de bilíngues cuja identidade cultural é referente apenas a um grupo das duas línguas que ele utiliza.

Sem considerarmos a questão relativa à cultura dos grupos de línguas, enfatizamos a postura do falante em relação à LE destacando, assim, as atitudes linguísticas. Como bem sinaliza Rodrigues (2012, p.363), “uma vez que exista um elo entre língua e identidade, a atitude linguística há de se manifestar no comportamento dos indivíduos em relação não apenas a essas línguas, mas também em relação a seus usuários”. A relação entre língua e identidade se manifesta nas atitudes dos indivíduos em relação a essas línguas e seus usuários: atitudes que refletem o imaginário e as representações que cada grupo tem da língua do outro. De acordo com Megale (2009, p.94), “quando pelo menos duas línguas estão em contato na sociedade, relações de poder entre os grupos etnolinguísticos influenciarão o desenvolvimento da identidade cultural da criança” e, portanto, em todo contato entre línguas haverá uma identidade em construção. Para melhor entendimento daquilo que entendemos por identidade/construção de identidade, linguagem e cultura, elucidaremos tais questões no tópico a seguir.

## **Linguagem e Identidade**

Para elencar os aspectos envolvidos na constituição identitária de bilíngues, torna-se necessário traçar um breve panorama, de acordo com nossas concepções, embasado pelo defendido pelos Estudos Culturais, especificamente no que tange às questões identitárias. Dessa forma, valemo-nos do *conceito*<sup>5</sup> de linguagem conforme a virada cultural/virada linguística.

---

<sup>5</sup> Grifamos para esclarecer que não se trata de um conceito único, fechado e correto. Nosso intuito não é descartar, ou julgar como errônea, a forma como a linguagem era entendida anterior à virada linguística ou, ainda, afirmar que a concepção aqui abordada é a verdadeira. Entendemos que a linguagem, a partir desse marco, tem sua noção ampliada sem que seja una, pois não há uma verdade absoluta. A contribuição de Foucault (1970/1980) para a virada cultural esclarece essa questão: os Estudos Culturais não pretendem “(...) substituir um



Os Estudos Culturais (doravante EC) surgiram em virtude de um processo de mudança advindo de certos grupos sociais cujo escopo era apropriar-se “de instrumentais, de ferramentas conceituais, de saberes que emergissem de leituras do mundo, repudiando aqueles que se interpõem, ao longo dos séculos, aos anseios por uma cultura pautada por oportunidades democráticas, assentada na educação de livre acesso” (Costa, Silveira & Sommer, 2003, p.37). Os EC são constituídos de diferentes ideias, métodos e teorias que giram em torno de um eixo central: a preocupação com o uso da cultura pelo povo. Basicamente, a cultura é estudada como sendo espaço de luta entre diversas outras culturas vinculadas em diferentes níveis da sociedade. Além disso, têm uma raiz Marxista, mas acrescentam ao Marxismo a necessidade de considerarem-se as dinâmicas culturais, entendidas como integrantes de todos os níveis socioeconômicos. De acordo com essa visão, o povo é visto como receptor, mas também como produtor da cultura, não sendo totalmente submisso à esfera econômica. A partir dos EC, há uma concepção particular de cultura, vista como um fenômeno heterogêneo, ativo e intervencionista. A linguagem tem um papel importante nessa visão e, desse modo, está intimamente ligada à virada cultural.

Segundo Hall (1997, p.27), a virada cultural “refere-se a uma abordagem da análise social contemporânea que passou a ver a cultura como uma condição constitutiva da vida social, ao invés de uma variável dependente”. A linguagem, anterior a essa visão, era entendida como um assunto de interesse apenas dos especialistas nessa área – linguistas e literatos – e, ainda, como subordinada e a serviço da realidade, em que os modelos preexistiam a qualquer tipo de descrição. Ou seja, a linguagem era vista como um meio de comunicação entre os sujeitos que, além disso, servia para relatar e denominar os fatos, os objetos (realidade), que existiam no mundo. A partir da virada linguística, outra concepção foi adotada em relação ao entendido como linguagem: agora, percebe-se que a linguagem tem um caráter privilegiado em que estão presentes a construção de significado e a constituição dos fatos; caráter esse que não apenas relata os significados e/ou fatos.

A partir da virada cultural, a linguagem tem sua compreensão ampliada, já que a maneira como vivemos e a razão daquilo que somos – nossas identidades – são

---

tipo de reducionismo (idealismo) por outro (materialismo), mas forçar-nos a repensar radicalmente a centralidade do cultural e a articulação entre os fatores materiais e culturais ou simbólicos na análise social. Este é o ponto de referência intelectual a partir do qual os estudos culturais se lançaram” (Hall, 1997, p.32). Não se trata de substituir uma verdade por outra, e sim analisar todas as *verdades* e, sobretudo, as produções de verdades.



compreendidas como práticas discursivas (Hall, 1997). De acordo com Hall (1997), a formação das nossas identidades se dá culturalmente. Quer dizer: tal formação é uma escolha pessoal que, no entanto, é feita pela “mediação de aspectos objetivos presentes nas normas, nas instituições, nas atividades (...) nas ações e estruturas sociais contextualizadas em um determinado tempo e lugar” (Santos, 2003, p.2). Ainda segundo Hall (1997, pp.26-27),

(...) devemos pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas. Elas são o resultado de um processo de identificação que permite que nos posicionemos no interior das definições que os discursos culturais (exteriores) fornecem ou que nos subjetivemos (dentro deles). Nossas chamadas subjetividades são, então, produzidas parcialmente de modo discursivo e dialógico.

A questão de identidade, por sua vez, é bastante discutida em Silva (1995a, 1995b, 2000) que aborda, também, questões como diferença e currículo<sup>6</sup>. Identidade e diferença compõem uma relação de dependência, já que as afirmações de identidade são construídas em oposição à diferença – “as afirmações sobre diferença só fazem sentido se compreendidas em sua relação com as afirmações sobre a identidade. (...) As afirmações sobre diferença também dependem de uma cadeia, em geral oculta, de declarações negativas sobre (outras) identidades” (Silva, 2000, p.75). Quer dizer: ser brasileiro significa não ser japonês, alemão, nigeriano, etc. A afirmação de determinada identidade, e conseqüentemente a marcação da diferença, pressupõe operações como incluir e excluir – trata-se de uma separação entre aquilo que somos e aquilo que não somos. Sem a existência daquilo que não somos (o *outro*) a identidade não faria sentido (Silva, 2000). No caso de identidades nacionais e /ou regionais, o processo de diferenciação é estabelecido por uma marcação simbólica em relação a outras identidades – hino, costumes, práticas culturais, indumentário, culinária, entre outros aspectos. (Freitas, 2013, p.13) De acordo com Said (1990 *apud* Freitas, 2013, p.14), “as fronteiras geográficas acompanham as sociais, étnicas e culturais de um modo previsível” e, portanto, as fronteiras geográficas mesmo que simbolicamente também são uma forma de marcação de identidades que, conseqüentemente, geram um tipo de exclusão social. Percebemos, portanto, que a linguagem constitui os sujeitos cujas identidades são construídas por meio de atos linguísticos, como narrativas. As narrativas, por sua vez, como enfatiza Silva (1995a, p.204-205), “(...) constituem uma das práticas discursivas mais importantes (...). O

---

<sup>6</sup> Embora seja um tema deveras interessante e que geraria proveitoso debate, neste artigo não aprofundaremos a discussão em relação às questões voltadas ao currículo. Para ampliar esse tópico Cf. Silva, 1999.



poder de narrar está estreitamente ligado à produção de nossas identidades sociais (...). Dessa forma, as narrativas não apenas nos ajudam a dar sentido ao mundo, a torná-lo inteligível, elas contribuem para constituí-lo e a nós”.

Além disso, é importante ressaltar os significados do termo identidade: concordamos com o apontado por Hall (2000) que o conceito de identidade é estratégico e posicional. Isso quer dizer que a concepção de identidade não é imutável; “as identidades não são nunca unificadas (...) elas são multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagonicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação” (Hall, 2000, p.108). Para o autor, em relação à produção de identidades nacionais na pós-modernidade,

uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre *a nação*, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas (Hall, 1997, p.55 – grifo do autor).

Dessa forma, admitimos que os sujeitos estão em constante transformação de suas identidades, as quais são construídas por todo e qualquer discurso. Silva (2000, p.97) corrobora com essa concepção ao mencionar que “a identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas”. Devemos considerar que a partir dos discursos proferidos estão sendo constituídas as identidades de cada sujeito. Por já termos sustentado como se dá a constituição identitária dos sujeitos, e quais os processos envolvidos nesse aspecto, nos próximos tópicos finalizaremos nosso ensaio fazendo um paralelo entre as questões identitárias e o bilinguismo.

### **Reflexões finais acerca do bilinguismo e da construção de identidades**

Feitas as considerações, podemos mensurar a tensão que há na relação entre o bilinguismo e a construção da identidade cultural, já que é a partir de discursos produzidos que o sujeito constitui sua identidade, independentemente da língua utilizada. Para além das questões entre linguagem e identidade já comentadas, há um fator tênue, porém de grande importância nessa relação o qual gostaríamos de enfatizar: a questão cultural intrínseca às





questões linguísticas. O aparato cultural e a marcação simbólica estão atrelados à utilização de uma L2. Conforme já apontamos, Grosjean (1982 *apud* Megale, 2009, p.91) considera que muitos bilíngues são monoculturais – e que muitos monolíngues podem ser biculturais.

Argumentamos, portanto, que o que leva um sujeito a ser mono ou bicultural é justamente a identificação com um dos grupos culturais a que ele tem contato – seja o da L1 ou o da L2. A identificação se dá pela marcação da identidade e da diferença e, nesses casos, a representação cultural de determinado grupo faz com o que o indivíduo, bilíngue ou não, identifique-se e se construa como pertencente a este grupo. É evidente que, em comparação a um monolíngue, um bilíngue tem mais oportunidades de interagir pessoalmente com diferentes grupos culturais, conhecendo-os de maneira mais autêntica. Entretanto, em virtude da globalização e do acesso quase instantâneo a diferentes culturas, o sujeito que utiliza uma única língua também tem grandes chances de identificar-se com um ou mais grupos culturais distintos, uma vez que a constituição de uma identidade é feita a partir de várias narrativas – narrativas estas presentes nos meios de comunicação e interação virtual, por exemplo.

Embora não tenhamos apresentado nenhuma análise de dados, podemos inferir que o contato entre duas ou mais línguas por um mesmo indivíduo leva ao questionamento da própria identidade, bem como à construção da identidade enquanto sujeito social. O bilíngue tem a oportunidade de se constituir enquanto sujeito em uma ou outra língua, valendo-se de representações e de identificações. Todavia, a afirmação de identidade em LE dá-se por um processo conflituoso, já que, muitas vezes, o bilíngue questiona suas próprias convicções de forma não natural e harmoniosa. De acordo com Nascimento (2008), “uma LE é sempre um lugar de conflito, de questionamentos identitários, através da confrontação com o novo, com o diferente, com o outro.” Segundo Almeida Filho (2002, *apud* Nascimento, 2008, p.151) durante o contato com uma L2, o sujeito “vai [se] constituindo e acrescentando novos aspectos à sua identidade.” Concordamos com o exposto por Hall (2011, pp.12-13): “a identidade torna-se uma *celebração móvel*: formada transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”. Desse modo, entendemos que uma L2 enquanto sistema cultural é parte integrante do processo de constituição identitária.

Apenas para provocar possíveis novas discussões, em relação à construção de conhecimentos em LE, gostaríamos de salientar que existem inúmeros aspectos culturais envolvidos nas instâncias sociais para além do ensino/aprendizagem. Conforme ressalta Silva



(1995b, p.190), “é importante colocar no próprio centro do currículo uma visão que destaque o papel da linguagem e do discurso na produção de subjetividades particulares e identifique suas conexões com desejos e vontades de poder – de indivíduos e grupos particulares”.

## REFERÊNCIAS

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel, & SOMMER, Luis Henrique Estudos Culturais, Educação e Pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**. n.23, pp.36-61. maio/ago, 2003.

FLORY, Elizabete Villibor & SOUZA Maria Thereza Costa Coelho de. Bilinguismo: Diferentes definições, diversas implicações. **Revista Intercâmbio**, São Paulo: LAEL/PUC-SP. v. XIX, pp.23-40, 2009.

FREITAS, Letícia Fonseca Richthofen de. Práticas identitárias e a construção das alteridades no contexto escolar. In: FERREIRA, Taís (Org.). **Identidades no contexto escolar**. Porto Alegre: Observatório Gráfico, 2013, pp.11-25.

GROSJEAN, François. Individual Biligualism. In: **The Encyclopedia of Language and Linguistics**. Oxford: Pergamon Press, 1994.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções do nosso tempo. **Educação & Realidade**. Porto Alegre/RS: UFRGS/FACED. v.22, n.2, pp.15-46, jul./dez. 1997.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

\_\_\_\_\_. Quem precisa de identidade? In SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000. pp.103-133.

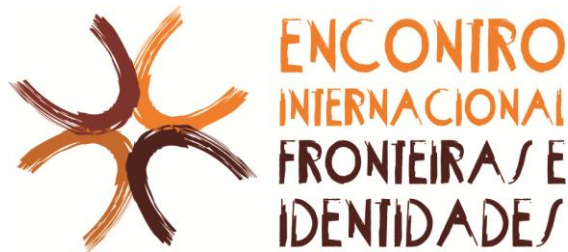
HAMERS, Josiane F. & BLANC, Michel A. **Bilinguality and Bilingualism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2<sup>nd</sup> edition, 2000.

MEGALE, Antonieta Heyden. Bilingüismo e educação bilíngüe – discutindo conceitos. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. v. 3, n. 5, ago. 2005.

\_\_\_\_\_. Duas línguas, duas culturas? A construção da identidade cultural de indivíduos bilíngües. **Veredas – on-line**. v. 2, n. 9, p.90-102, 2009.

MOZZILLO, Isabella. A conversação bilíngüe dentro e fora da sala de aula de língua estrangeira. In: HAMMES, W.; VETROMILLE-CASTRO, R. (Orgs.) **Transformando a sala de aula, transformando o mundo: ensino e pesquisa em língua estrangeira**. Pelotas: Educat, 2001.

NASCIMENTO, Cecília Eller Rodrigues. O jogo na aula de língua estrangeira: espaço aberto para a manifestação do eu. **Alfa**, São Paulo, v.52, n.1, pp.149-156, 2008.



RODRIGUES, Luiz Carlos Balga. Atitude, Imaginário, Representação e Identidade Linguística: Aspectos Conceituais. **Cadernos do XIV Congresso Nacional de Linguística e Filologia/Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos**. Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ. 2012, v. XVI, n. 4, t. 1.

SANTOS, João de Deus dos. **Resenha de A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções do nosso tempo**. Revista Brasileira de Educação. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a12.pdf>> Acesso em: 28 set. 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000. pp.73-102

\_\_\_\_\_. Currículo e Identidade Social: territórios contestados. In: \_\_\_\_\_. (Org.) **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995a, pp.190-207.

\_\_\_\_\_. Os novos mapas culturais e o lugar do currículo numa paisagem pós-moderna. In: \_\_\_\_\_. (Org.) **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995b, pp.184-202.

\_\_\_\_\_. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

TUSSI, Matheus Gazzola; XIMENEZ, Andrey. Bilinguismo: características e relação com aspectos Cognitivos. **Anais da X Semana de Letras**. Porto Alegre: EdIPUC RS, 2010. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/Xsemanadeletras/comunicacoes/Matheus-Gazzola-Tussi.pdf>> Acesso em: 13 jan. 2014.